

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Uma questão de confiança**

Entre muitos outros factores, a manutenção da coesão social depende dos índices de confiança que cada sujeito deposita nos demais



António João Maia

O problema recentemente suscitado em alguns países europeus com o aparecimento de carne de cavalo nalguns alimentos pré-confeccionados existentes à venda no mercado, contrariando as indicações constantes do rótulo das embalagens, suscita uma questão de carácter sociológico de grande importância, porventura até determinante no contexto dos factores estruturantes de uma sociedade. Referimo-nos à questão da confiança.

De entre muitos outros factores, a manutenção da coesão social depende muito dos índices de confiança que cada sujeito deposita nos demais, quer naqueles que directa e pessoalmente conhece e com os quais constitui as suas relações pessoais (a família, os amigos, os conhecidos, os colegas de trabalho e todos aqueles com quem de alguma forma se vai relacionando no seu dia-a-dia), quer naqueles em que, apesar de não conhecer pessoalmente, acaba por confiar de uma forma abstracta, através dos diversos processos de produção e dos mecanismos de controlo, que, no seu todo, constituem os sistemas que operam nas sociedades (os produtores e distribuidores de alimentos, de vestuário, de energia, de segurança, de transportes, etc., etc.). Ora como no contexto de cada sociedade cada pessoa se relaciona apenas com um número ínfimo de sujeitos, podemos aceitar que acaba por ser o nível de confiança abstracta que determina a manutenção da coesão do todo social.

No livro "As Consequências da Modernidade", o sociólogo inglês Anthony Giddens refere-se precisamente à importância determinante desta confiança abstracta enquanto factor para a manutenção e aprofundamento das sociedades modernas dos nossos dias.

Esta confiança abstracta assenta em processos normalizados de produção

e em mecanismos de controlo relativamente aos produtos de que necessitamos no dia-a-dia, e pressupõe que, com um grau de probabilidade muito elevado, a esmagadora maioria dos sujeitos confie que as informações disponibilizadas correspondem efectivamente aos produtos a que respeitem.

Porém, como se viu, não estão afastados os riscos de ocorrência de situações de desconformidade.

O problema da globalização da economia e dos mercados tem suscitado – pelo menos em abstracto – cada vez maiores probabilidades de ocorrências de natureza similar. Elas podem resultar muito simplesmente de diferenças entre os índices de qualidade de exigência e de controlo sobre o cumprimento dos processos e mecanismos de produção nos diversos países.

Se os cidadãos passam a sentir-se defraudados nas suas expectativas por sucessivas ocorrências de natureza semelhante à que suscitou esta reflexão, assistiremos muito provavelmente

a uma redução dos índices de confiança abstracta e, correlativamente, da coesão social. A confiança pode gradualmente dar lugar à desconfiança nas relações entre os sujeitos, e esta alteração configura-se em si mesma como um problema social de dimensão considerável...

Num momento em que, por razões diversas, se discute em Portugal a questão da redefinição da dimensão, da estrutura e das funções que devem ser asseguradas pelo Estado, importa não perder de vista a manutenção e salvaguarda da boa qualidade dos mecanismos de segurança e controlo que têm garantido os elevados índices de confiança abstracta sobre os diversos produtos que nos têm sido disponibilizados para consumo.

Escreve à sexta-feira



OBEGEF
Observatório de Economia
e Gestão de Fraude



A confiança é necessária em todas as práticas sociais

Eduardo Martins

VALORES

**LUÍS
GONÇALVES
DA SILVA**

Regresso

Foi noticiado esta semana que o anterior primeiro-ministro irá ter, a partir de Abril, um programa semanal na RTP. Perante esta notícia rapidamente se dividiram as opiniões.

Confesso que não percebo o problema. Por um lado, para aqueles que se consideram paladinos da liberdade de imprensa, convirá ter presente que se trata de uma decisão legítima tomada por um órgão de comunicação social. Por outro, importa reter que estando em causa um anterior primeiro-ministro, que governou Portugal durante cerca de seis anos, o interesse jornalístico parece inegável.

Em democracia há lugar para todos e para todas as opiniões. Não o apoiei e nem sequer me insiro na sua família política, mas confesso que até tenho alguma curiosidade em ouvir as suas explicações sobre o estado em que deixou o país; o contraditório tem sempre um valor inegável.

O problema pode ser outro: os danos que causará à actual liderança do PS.

Na verdade, o actual líder do PS tem demonstrado uma patente dificuldade em encontrar algo de positivo na governação anterior. Por outro lado, sabe o quanto conspirou contra Sócrates quando este liderou o executivo e, deste modo, tem consciência de que se trata de um reforço da oposição interna.

Acresce que para o governo o regresso de Sócrates pode, exactamente por isso, ter um efeito positivo, pois os problemas que irá causar a Seguro poderão ser superiores aos eventualmente causados ao executivo.

Fica apenas por saber, mas o tempo nos dirá, se o país está preparado para o seu regresso.

Escreve à sexta-feira